



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Veículo: CIFORM
identificação: CADERNO 1 / 7
Data: 24 a 30/12/2012

Sob intervenção judicial desde 2004, hospital permanece desamparado

Administrada por dois interventores, unidade hospitalar de Estância atende boa parte da Região Sul do Estado

■ Desde 2004, o Hospital Regional Amparo de Maria - HRAM - se encontra sob intervenção judicial, em busca da efetivação do direito à saúde a todos que necessitam daquela unidade hospitalar. Localizado no Município de Estância, o HRAM funciona como um prestador de serviços ao Sistema Único de Saúde - SUS - e atende boa parte da Região Sul do Estado.

Atualmente, o HRAM tem as ações hospitalares administradas por dois interventores, José Magno de Leão e João Antônio Emídio - respectivamente, representantes do Estado e do Poder Judiciário. Em virtude dos débitos tributários e trabalhistas acumulados ao

longo dos anos, os repasses à casa de saúde passaram a ser avaliados pelo Ministério Público Estadual.

Sobre o período em que precisou de atendimento na unidade de saúde, Ângela Domingues guarda críticas quanto à estrutura do espaço. "Banheiros mal-organizados e camas sem lençóis. Jogavam o paciente de qualquer

de Jesus. "Minha esposa, quando foi ter nossa menina, teve dificuldades porque a demora dos médicos foi muita", explica Alisson. "E ligamos para a ambulância, mas não foram buscar", lembra-se o pedreiro.

Com a inauguração do novo Hospital Regional de Estância, o pronto-socorro do HRAM foi desativado, e

passou a funcionar como um ambulatório particular. "O que se comenta é que desvios de dinheiro foram acumulando dívidas e levaram o hospital à falência", relata o autônomo Fábio Santos. "É um atendimento que deixa a desejar", completa. ■

► COMENTE ESTA MATÉRIA
opine@ciform.com.br

jeito", detalha a proprietária de salão de beleza. Ela lembra que, por falta de médico e atendimento, pacientes retornavam às cidades vizinhas.

"O povo saía para comprar remédio na farmácia da esquina porque lá no hospital não tinha", informa Ângela. Ela conta que já necessitou ir até o HRAM durante o dia, mas mandaram-na vol-

tar à noite porque, naquela ocasião, não havia médico pela manhã. "Gente que vinha do Interior ficava com fome e não era nem atendida", afirma.

Enquanto isso, a maternidade do hospital continua em pleno funcionamento, embora o atendimento dela não tenha sido satisfatório para a família do pedreiro Alisson